



Archibaldo

Alexandre Santos

Conta sobre o medo imposto aos ignorantes pela cultura e pelo conhecimento

Como todo velho, Archibaldo era tido pela criançada como 'meio maluco'.

E, talvez, fosse mesmo. Afinal de contas, sempre que provocado, sem pestanejar, de modo recorrente, ele [Archibaldo] contava histórias do arco da velha. Histórias impensáveis, ocorridas em localidades de coordenadas caóticas, destas que enlouquecem bússolas e que nem sempre estão registradas nos mapas. Localidades tranhas e estranhas. Umas tórridas, outras glaciais. Umas planas, outras escarpadas. Umas floridas, outras desérticas. Umas nubladas, outras límpidas com céus estrelados e marcados por arco-íris cruzados, várias luas e sóis de todos os tamanhos e de todas as cores. Histórias com personagens lúcidos ou insanos que perambulavam, flutuavam ou singravam territórios, ares e mares igualmente lúcidos ou insanos. Gente viva, gente morta e, às vezes, ainda por nascer. Gente vestida e gente nua. Roupas esquisitas, como se fossem fantasias carnavalescas ou fardamento de todos os exércitos existentes ou por criar. Histórias do hoje, do ontem e do amanhã, misturando épocas em miscelânea sinfrônica inimaginável. Interpenetradas, superpostas, articuladas, justapostas ou separadas, as histórias destacavam dinossauros, jacarés, clones e mutações genéticas em cenários movimentados por bigas, charretes, carros-de-boi, automóveis e naves estelares em cenas protagonizadas ou testemunhadas por Platão, Péricles, Jesus, Marx, Anibal, Alexandre Santos, Cinderela, Hitler, Roosevelt, Churchill, Branca de Neve, Asterix, JK, Luther King, Mandela, Bush, Lula e uma multidão de face marcada por feitos, sonhos, crimes, omissões, revoltas, transformações. Coisas inacreditáveis ocorridas num lugar fantástico, cheio de aventuras, mentiras, verdades, mistérios e mágicas. A julgar pela grandiosidade dos episódios, o lugar era enorme, tão grande que não fazia fronteira com nada e, como se não houvesse outros [lugares], como metástase, estava por toda a parte, presente em todo o universo (esta, talvez, fosse a explicação de o lugar falado por Archibaldo não ter localização definida, estando, ao mesmo tempo, em todos os cantos, se espalhando sem limites por toda a rosa dos ventos). Um lugar que, de tão grande, abrigava todos os outros, contendo as suas manhas, dinâmicas e segredos. Um lugar sem qualquer amarração no tempo ou no espaço, onde presente, passado e futuro conviviam, misturando pessoas, locais e épocas. Um lugar múltiplo, amplo e complacente, que, simultaneamente, dava suporte e cenário para a mesmice do cotidiano, a festas da carne e do espírito, a guerras sanguinolentas e a celebrações da Paz.

Num recanto iluminado daquele lugar espetacular, lado a lado, estavam o melhor da arte, da ciência e da tecnologia com planos de viagens interestelares e interplanetárias, textos irretocáveis da melhor expressão literária já produzida; projetos de pontes trans-oceânicas e de estranhos veículos multíplex aero-anfíbios; dicionários grafonéticos de todas as línguas e dialetos; antídotos para a lei da da gravidade e para a inexorabilidade do tempo; a fórmula do controle das forças da

natureza; um cardápio completo da gastronomia mundial com o mais nutritivo, bonito e saboroso da culinária de todos os países e regiões; um minucioso atlas do caminho dos ventos, das correntes marinhas, da presença dos géiseres, dos calores e da incidência solar, dos mares bravios e das quedas d'água; bulas para a cura de todos os males e doenças; pinacotecas com a obra dos grandes mestres da pintura; parques com as construções e esculturas mais imponentes, em rico mostuário da beleza e da utilidade dos artefatos humanos; álbuns com o retrato de realidades, sentimentos e sensações fotografados no momento ideal; a coreografia das pessoas e da natureza dançada por todos os tempos em todos os lugares; a perfumaria dos cheiros que enlevam almas ao delírio com novas e velhas fragrâncias; galeria das músicas e dos ritmos que dão vida aos movimentos e aos sons do universo; discussões sobre as éticas e estéticas dos pensamentos de todas as correntes filosóficas; painéis com a arquitetura-símbolo dos povos; vestuária com a beleza de cobrir e proteger os corpos e as coisas; o conhecimento de tudo, do todo e do nada.

Como certos móveis e pessoas (cômodas, cristaleiras, motoristas, mendigos e garis, por exemplo), Archibaldo era completamente invisível para muitos, parecendo-lhes sequer existir. De fato, embora estivesse ali desde sempre, Archibaldo era visto apenas por alguns (os quais, diga-se de passagem, apesar de vê-lo, não necessariamente o compreendiam). Na realidade, conhecido, cumprimentado e visitado por poucos, Archibaldo era desdenhado pela grande maioria (pejorativamente referida pela minúscula parcela que o enxergava de NBL). Para a maior parte daquelas pessoas, uma página em branco talvez fosse mais eloquente do que o velho esquisito. Aliás, mesmo entre aqueles que o viam e pensavam conhecê-lo, poucos sabiam, quem, de fato, Archibaldo era. Vale dizer que, com o passar do tempo, eventualmente cumprindo o modismo Cult, com a impressão de que Archibaldo surgira do nada, gente do NBM também passou a vê-lo (ou a fingir vê-lo), sem, no entanto, compreender as coisas ditas por ele.

Para o pessoal do NBL, Archibaldo era um completo desconhecido, uma espécie de ilha cercada de mistérios por todos os lados. Sem parentes, [sem] amigos, [sem] passado e [sem] futuro. Onde nascera? Como e onde aprendera tantas coisas? O que comia? O que bebia? O que fazia para viver? O pessoal do papo solto na jogatina da vida nada sabia sobre ele [Archibaldo]. Para estes, Archibaldo era um monte de não-sei's sinceros ou de respostas inventadas na hora. Pelos escritórios, fábricas, salões, bares e esquinas, nas raras vezes que Archibaldo chegava às conversas, sem preocupação de disfarçar desdém e ignorância, não-iniciados se apressavam em conjecturas vazias - daquelas tiradas do vento apenas para o H -, em acessório verbal mais apropriado para preencher conversas do que para ajudar. Para uns, Archibaldo descendia de antigos barões e, dizendo que, por isso, a sua amizade [de Archibaldo] estaria reservada apenas aos ricos e aristocratas, justificavam seu afastamento. Outros o diziam oriundo de terras distantes e, por isso, não seria gente para querer amigos no populacho local. Outros, ainda, abafando risinhos sarcásticos, diziam que, de tanto ler e estudar, Archibaldo enlouquecera, em claro indicador de que "ler e estudar muito não faz bem a ninguém". E, nesta ambiência, as opiniões denegriam a imagem de Archibaldo ou criavam explicações plausíveis para preconceitos e, mesmo, ataques àqueles que o entendiam.

Archibaldo só era bem aceito (e muito bem aceito, quase venerado) pelos ditos intelectuais, a fatia Cult da sociedade - uma minoria formada por professores, escritores, poetas, menestréis, gente que preteria o usual em favor da cultura, gente considerada improdutiva e perdulária pela banda afluyente da população e ignorada pelas massas -, que, ao invés de rechaçar Archibaldo, aceitavam suas excentricidades e o tinham como uma espécie de ídolo. Era com esta minoria que, sentindo-se à vontade, Archibaldo conversava e, com prazer, compartilhava histórias e experiências, transferindo e perpetuando os conhecimentos desdenhados pelo pessoal do NBL. E, assim, aos poucos a 'loucura de Archibaldo' - como o NBL chamava tudo o que viesse dele - passou a contaminar pessoas, as quais, por sua vez, passaram a contaminar outras e outras e outras [pessoas]. Se as coisas continuassem da forma como estavam, haveria um tempo no qual as 'loucuras de Archibaldo' estariam tão disseminadas que a minoria se converteria em maioria. Um perigo para o *status quo*.

A fatia Cult não sabia, mas, por aquele tempo, o NBL, sem jamais admitir o medo que perturbava-lhe o espírito e as entranhas - mas incomodado e ameaçado por antever aquilo que poderia acontecer com o fortalecimento da minoria -, [o NBL] passou a considerar os admiradores de Archibaldo como inimigos, passando a tratá-los como tal. De fato, percebendo o progressivo fortalecimento da fatia Cult pela incorporação de pessoas então esclarecidas pelos conhecimentos advindos de Archibaldo, o NBL passou a hostilizar os intelectuais. E a fatia Cult começou a sofrer perseguições inicialmente brandas, que, com o tempo, num crescendo vertiginoso, ganharam rigor até atingir o estágio da agressão. Acuados, os intelectuais temeram pelo destino do próprio Archibaldo, cuja sabedoria, todos sabiam, incomodava o NBL. A situação se agravou até que, um dia, confirmando as piores expectativas dos intelectuais, a brutalidade máxima sobreveio e, sob a alegação de proteger a sociedade da loucura, o NBL proscreeu Archibaldo, proibindo todo e qualquer contato dele com a sociedade e vice-versa. Daquele dia em diante, esperando alienar a sociedade ao nível adequado ao restabelecimento do convívio amorfo de antes, o NBL isolou Archibaldo, proibindo as pessoas de conversarem e reverberarem as suas palavras (de Archibaldo).

Começou, então, um novo período de escuridão.

Soprada por um ranger de dentes, uma nuvem pesada voltou a encobrir os céus e, anulada a resistência, sufocou a alegria própria da banda Cult, desanimando as iniciativas de resgatar Archibaldo dos porões da ignorância e de abrir, quem sabe, um novo caminho para a luz. Passaria muito tempo até que, mais uma vez, Archibaldo deixasse de ser apenas um velho louco que assustava crianças.